



A HISTERIA NAS TESES MÉDICAS BRASILEIRAS: A EDUCAÇÃO FÍSICA E MORAL COMO MÉTODO PREVENTIVO DO HISTERISMO

HYSTERIA IN BRAZILIAN MEDICAL THESIS: PHYSICAL AND MORAL EDUCATION AS A PREVENTIVE METHOD OF HYSTERISM

Fernando Marques de Mello Júnior*

Universidade Estadual Paulista – UNESP

fernandommellojr@gmail.com

RESUMO: Doença predominantemente feminina, a histeria foi objeto de estudo de uma série de teses médicas produzidas pelos médicos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia ao longo do século XIX e início do XX. Assim, o presente estudo visa observar como a construção da histeria esteve ligada à constituição física do sexo feminino e ao processo de urbanização e civilização do Rio de Janeiro. Além disso, o artigo visa analisar o modo como os médicos do período procuraram tratar a doença antes do seu aparecimento por meio da educação física e moral das jovens. Para tanto, serão analisadas as teses cunhadas nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia entre 1838, ano da primeira tese brasileira sobre a histeria, e, 1909, quando Antonio Austregésilo publica *Histeria e síndrome histeróide*, trabalho que marca o início do desmembramento diagnóstico da histeria.

PALAVRAS-CHAVE: Histeria – Medicina – Higiene – História do Brasil.

ABSTRACT: A predominantly female disease, hysteria was the object of study of a series of medical theses produced by doctors at Medicine courses in Rio de Janeiro and Bahia throughout the 19th and early 20th centuries. Thus, the present study aims to observe how the construction of hysteria was linked to the physical constitution of the female sex and to the process of urbanization and civilization in Rio de Janeiro. In addition, the article aims to analyze how the doctors of such period sought to treat the disease before its onset through the physical and moral education of young women. To this end, analyzes of the theses produced in the medical schools of Rio de Janeiro and Bahia between 1838 – the year of the first thesis on hysteria – and 1909 – when Antonio Austregésilo published *Hysteria and hysteroid syndrome*, a work that marks the beginning of the diagnostic breakdown of hysteria – will be held.

KEYWORDS: Hysteria - Medicine - Hygiene - History of Brazil.

* Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – FCL Assis.

Considerada uma das incômodas ‘nevroses’ – tradução para o português do conceito “névrose”, utilizado pelo médico francês Phillippe Pinel¹ e que caracterizava as doenças do sistema nervoso que não apresentavam lesões orgânicas observáveis –, a histeria se manifestaria, segundo o pensamento médico brasileiro do século XIX e início do século XX, nas pessoas cuja organização nervosa se mostrasse mais sensível. Desse modo, a constituição frágil do sistema nervoso produziria indivíduos impressionáveis, suscetíveis aos mais variados estímulos internos e externos e, conseqüentemente, mais propensos ao desequilíbrio nervoso e ao aparecimento da célebre enfermidade.

A mulher, por ser “dotada de constituição mais nervosa e mais sensível do que o homem” era, no pensamento médico do período, conforme explica o Dr. Moura, mais propensa aos tormentos da doença, afinal, em virtude de se revelar fisicamente sensível e, portanto, impressionável, estaria “mais apta a receber a ação dos diversos modificadores” (MOURA, 1862, p. 1). Assim, explica o Dr. Santos Júnior,

se considerarmos que a constituição física da mulher é mais complicada, impressionável e frágil do que a do homem, e se atendermos ao predomínio das faculdades afetivas no sexo feminino, poderemos asseverar que a histeria é tanto mais frequente na mulher quanto é rara no homem. (SANTOS JÚNIOR, 1878, p. 21).

Tristão Eugenio da Silveira, em tese defendida no ano de 1878, concorda com seu colega de profissão ao afirmar que “em virtude de sua organização especial, delicada, fraca, nervosa, da exaltação da sensibilidade e do modo fácil pelo qual sua razão é subordinada às impressões sensitivas [...] é que a histeria é muito mais frequente [na mulher] do que no homem” (SILVEIRA, 1878, p. 14).²

A frágil organização, embora responsável pela maior predisposição das mulheres ao histerismo, se mostrava exigência natural para que o “belo sexo” cumprisse seus deveres para com a humanidade e para com a sociedade, ou seja, para que o sexo feminino desempenhasse com maestria os importantes papéis de mãe e esposa. De acordo com o Dr. Torres,

um sistema nervoso mais suscetível [...] para poder suportar as dores e os incômodos da maternidade, interessar-se por seu filho, consagrar-se toda às ocupações domésticas cuidando do menino, acudindo pressurosa aos

¹ Autor do *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*, de 1801, Phillippe Pinel (1745 – 1826) foi um médico considerado o pai da psiquiatria.

² Segundo Jurandir Freire Costa, a histeria nos homens mereceu poucas menções nos escritos médicos, pois a doença no sexo masculino pouco afetava o funcionamento da família higiênica. Assim, “a histérica era a anti-mãe burguesa; mas o histérico não era o anti-pai burguês” (COSTA, JF, 1995, p. 125).

incômodos do homem e velando à cabeceira do velho. (TORRES, 1848, p. 10).

Observa-se, de acordo com as teses médicas escritas no período, a sensibilidade feminina como condição fundamental – e natural – para que as mulheres pudessem desenvolver a afetividade necessária para o desempenho das demandas sociais e naturais de mãe e esposa.

A sensibilidade das mulheres estaria, nesse sentido, intimamente relacionada aos aspectos constitutivos e particulares de seu corpo e ao seu destino natural. Assim, dissertando a respeito da extrema suscetibilidade observável no sexo feminino, o Dr. Monteiro de Barros explica, em 1845, que “a polpa cerebral partilha da moleza das outras partes [do corpo da mulher] e a vitalidade do sistema nervoso é [por isso] elevada ao mais alto grau” (BARROS, 1845, p. 5). Nas palavras do médico, “esta circunstância explica bem claramente a esquisita sensibilidade deste sexo: a vivacidade e, ao mesmo tempo, a extrema mobilidade de todas as suas sensações, tanto internas quanto externas” (BARROS, 1845, p. 5). Assim, devido à fragilidade constitutiva do corpo feminino e à relação existente, segundo os doutores, entre a suscetibilidade do sistema nervoso e o histerismo, não se estranha o volume de teses médicas do período alegando serem as mulheres as mais afetadas pela nevrose. Não por acaso, o Dr. Gonsalves atenta aos colegas, em tese defendida em 1848, que “é a histeria tão frequente nas mulheres que [...] é preciso, em geral, suspeitá-la nelas, como se suspeitam os vermes nos meninos, e a sífilis nos adultos” (GONSALVES, 1846, p. 3).

OS EFEITOS DA CIVILIZAÇÃO

A desconfiança dos doutores brasileiros deveria ser redobrada sobre as mulheres em um período em que o Rio de Janeiro passava por drásticas transformações urbanas e sociais. A chegada de D. João VI e da nobreza lusitana em solo carioca trouxe à cidade a necessidade de investimentos visando à melhoria urbana e ao incremento da vida social (VERONA, 2013, p. 26).

Assim, além de gozarem dos benefícios das reformas nas ruas e prédios, da construção de passeios públicos e da iluminação da cidade, os cariocas e os nobres residentes da urbe foram favorecidos com o incremento da vida social e cultural do Rio de Janeiro e passaram a frequentar cada vez mais os espetáculos teatrais e musicais, os centros comerciais, como a Rua do Ouvidor e, também, a consumir mais obras literárias por meio de livros e folhetins.

Tais mudanças, sentidas com entusiasmo pelos moradores da cidade, no entanto, causavam preocupação aos doutores do período, uma vez que, de acordo com o conhecimento médico da época, os progressos da chamada “civilização” pareciam favorecer o aparecimento da histeria em meio à população. “Todas as influências, quer físicas, quer morais exercidas sobre o [ser humano], tem uma ação mais ou menos pronunciada sobre o seu sistema nervoso” (CARDOZO, 1857, p. 5) explica Cid Emiliano, médico baiano formado em 1857. Nessa ótica, continua o médico, “as modificações trazidas ao estado social pela civilização não são despidas de uma influência qualquer sobre o desenvolvimento das afecções nervosas” (CARDOZO, 1857, p. 5). A preocupação dos médicos da época em relação ao histerismo, portanto, não seria injustificada, pois, segundo o Dr. Cardozo, ocorrerá “frequência maior de afecções nervosas [...], onde a civilização apresentar maior desenvolvimento” (CARDOZO, 1857, p.6). Denominada por parte da comunidade médica como “a endêmica dos grandes povoados” (MOURA, 1862, p. 13, a histeria seria diagnosticada com maior frequência nas maiores cidades em virtude dos inúmeros estímulos sensoriais e morais disponíveis aos moradores. Nos dizeres de outro médico da época, o Dr. Abreu, a histeria



é uma nevrose que acompanha ‘invariavelmente’ os progressos da civilização em relação à sua maior frequência e constância. Nos grandes centros, com efeito, se acham todos os elementos que debilitam a organização e que fazem predominar o sistema nervoso e todas as condições que podem influenciar a parte afetiva deste sistema. Daí o fato de existirem maior número de casos de histeria nas grandes capitais, onde a civilização se evoluciona progressivamente (ABREU, M.T, 1890, p. 13. Destaque nosso)

Nos grandes centros urbanos, os estímulos trazidos pela urbanização, pelos divertimentos e pelos diversos produtos estéticos e de moda que, com a abertura dos portos de 1808, passaram a entrar cada vez mais no país, atuando sobre as pessoas dotadas de constituição nervosa delicada, especialmente do sexo feminino, desencadearia a doença.

O uso de fragrâncias, por exemplo, deveria ser utilizado com moderação em virtude da ação que os cheiros exercem sobre o sistema nervoso. De acordo com o Dr. Cid Emiliano, “quaisquer que sejam os cheiros, [estes] exercem sobre o sistema nervoso uma influência manifesta que varia, é verdade, com a natureza deles” (CARDOZO, 1857, p. 10). Assim,

se alguns aromas penetrantes especiais exercem, em geral, sobre o cérebro, [...] uma ação ligeiramente estimulante, que torna mais fácil o exercício intelectual, afugenta o sono e exalta certos sentimentos, outros

muitos, ou estes mesmo usados sem moderação, levam esta exaltação ao excesso ou produzem efeitos de outra ordem profundamente pernicioso. (CARDOZO, 1857, p. 10).

Embora não sejam todos os aromas prejudiciais ao sistema nervoso, “muitas pessoas há, e mormente do sexo feminino, cuja excitabilidade nervosa exalta-se excessivamente pela presença de um aroma qualquer, a ponto de serem imediatamente atacadas de síncope, de histeria, ou de qualquer outra afecção do mesmo gênero” (CARDOZO, 1857, p. 5). Frente aos problemas de saúde provocados pelo uso de perfumes, o médico indaga seus leitores sobre os prejuízos causados de essências:

esta imensidade de perfumarias e de cosméticos, tão variados em sua confeição, que aí andam livremente pelo comércio, fazendo o objeto da especulação mercantil de tantos *Pivers*, e o precioso *sine quo* dos moços casquilhos e das jovens loureiras, como outrora o foram da célebre Cleópatra, a rainha libidinosa e devassa, de quantos e quão profundos males não tem sido causa? (CARDOZO, 1857, p. 10-11).

A música, no julgamento do médico, deveria ser também apreciada, com moderação, em especial pelas mulheres:



além da ação que fisicamente exerce sobre o sistema nervoso pelas impressões que, recebidas pelo nervo acústico, a todo ele são transmitidas, tem sobre o espírito uma influência enérgica que se revela poderosamente pelos fenômenos nervosos” (CARDOZO, 1857, p. 12).

Quem é, interroga o doutor,

que ouvindo tocado por uma orquestra marcial o expressivo hino nacional, não sente ferver-lhe a cabeça, o coração e a economia inteira ao fogo do entusiasmo que lhe abrasa o espírito? Quem é que ouvindo a harmonia quase divina do *stabat mater* não sente no fundo d’alma as mais vivas emoções? Quem é que não se sente abatido ao peso da mais grave melancolia ao ouvir executar-se uma peça expressivamente fúnebre? (CARDOZO, 1857, p. 12)

A música suscita, continua o doutor, “o sentimento que ela exprime e, assim, exalta ou deprime o sistema nervoso, podendo, por isso, dar lugar a manifestações de nevroses diversas” (CARDOZO, 1857, p. 12).

Os espetáculos teatrais, igualmente, ‘tem uma influência manifesta e poderosa sobre o sistema nervoso, exaltando a imaginação e despertando os sentimentos’, escreve o Dr. Cid Emiliano. “Ninguém de certo deixará de ter sentido, assistindo a um espetáculo cheio de cenas tocantes e trágicas”, explica o médico, “paixões de diversas naturezas, sempre excitadas pelas impressões causadas pelas ações que se representam no cenário”

(CARDOZO, 1857, p. 13). Estas paixões, inflamadas pelas cenas desenroladas nos palcos e que “abalam profundamente o sistema nervoso, são muitas vezes causas de nevroses de vários gêneros, mormente nas senhoras, que, tendo nascido mais para sentir do que para pensar, têm o sistema nervoso muito mais excitável ou impressionável” (CARDOZO, 1857, p. 13).

Uma das causas de histeria, contudo, que mais ocuparam as teses médicas, foi a leitura dos romances. De acordo com o médico Constantino Luis da Silva Moura, de todas as causas produtoras da histeria “a mais comum e a mais caprichosa é, talvez, a leitura de romances” (MOURA, 1862, p. 12). O consumo “de obras licenciosas e de romances é um péssimo recurso que, de ordinário, procuram as mulheres para desfado de suas fadigas”, anota, em tese defendida em 1845, o Dr. Monteiro de Barros. “Além de estragarem o moral e de corrompê-lo, o romance tem o inconveniente de exagerar certos sentimentos pela pintura viva de grandes rasgos de heroísmo e de paixões” anota (BARROS, 1845, p. 30). Assim, no pensamento do médico, se as pessoas dotadas de sensibilidade normal sentem emoções fortes ao lerem os apreciados romances, o que não deverá suceder a uma mulher fraca e sensível que por um instinto natural já é propensa a tudo exagerar? (BARROS, 1845, p. 30)

A atuação da leitura de romances sobre a delicada constituição nervosa das mulheres era de tamanha intensidade que era comum os médicos do período afirmarem que “toda moça que aos 15 anos lê romances, aos 20 torna-se nervosa” (SILVEIRA, 1878, p. 70). Assim, a histeria será doença comum nos grandes centros urbanos, locais onde

a mocidade tem sempre à sua vista imagens de voluptuosidade, onde a ociosidade, a leitura dos romances, os espetáculos, a vista de pinturas e esculturas representando cenas voluptuosas, onde as conversações de amor, a promiscuidade dos sexos, os bailes, etc., procuram, sem cessar, aos sentidos. (FAUSTO, 1846, p. 3).

De acordo, portanto, com as teses médicas produzidas no período, “todas as excitações continuadas dos bailes, dos teatros, das leituras apaixonadas”, em suma, os efeitos na população das nuances do processo civilizatório, determinam o histerismo. (CORRÊA, 1878, p. 12).

A PREDISPOSIÇÃO COMO HERANÇA

Embora raramente ocasionasse a morte das doentes, a histeria gerava uma série de desconfortos às enfermas: convulsões gerais, nevralgias, alucinações, confusões mentais, distúrbios de sono, entre outros incômodos atrapalhavam a vida das histéricas.

Os muitos fármacos conhecidos na época eram utilizados pelos doutores do século XIX e início do século XX para amenizar a longa lista de sofrimentos. Ainda que raramente ocorresse a cura da histérica, o tratamento medicamentoso tinha por objetivo controlar as crises e diminuir, na medida do possível, as dores e os distúrbios mentais e físicos gerados pela doença. “O tratamento curativo”, escreve em 1878 o Dr. Santos Júnior, “se propõe a fazer a histeria desaparecer”. No entanto, “quando o resultado não pode ser obtido, [o tratamento] visa a diminuir ou moderar os fenômenos mais penosos” (SANTOS JÚNIOR, 1878, p. 72). O Dr. Horácio Corrêa sugere, como tratamento paliativo, por exemplo, “a poção anti-histérica do Codex, as gotas calmantes alemãs, o elixir fétido de Fulde, o carminativo de Dalby e a tintura valeriana amoniaca de Ph. Lond” (CORRÊA, 1878, p. 46).

Receitados às doentes pelos doutores oitocentistas, os antiespasmódicos, os revulsivos, os tônicos e os narcóticos ajudavam as histéricas a controlarem suas crises. Contudo os efeitos funestos da moléstia não se limitariam à histérica e atingiriam a família e os amigos. Ainda que raramente ceifasse a vida das doentes, a histeria condenava as mulheres e seus entes a uma existência desagradável e incômoda “em razão das desordens que produz no organismo” (SANTOS JÚNIOR, 1878, p. 67).

No entanto, a histeria poderia prejudicar as próximas gerações em virtude do princípio da hereditariedade.³ Segundo as teses médicas do período – influenciadas pela teoria da degeneração de Benedict-Augustin Morel⁴ –, a histeria reservava aos filhos das enfermas a probabilidade de sofrerem de uma série de doenças físicas e, principalmente, nervosas (CAPONI, 2012, p. 85). De acordo com o Dr. Silveira, “os filhos herdam as predisposições ingênicas ou adquiridas dos pais, e isso tanto em relação ao físico como ao moral e, como às moléstias, as quais, muitas vezes, são o único bem legado pelos pais”

³ A estratégia ligada à hereditariedade tinha, segundo Michel Foucault, importante função na psiquiatria que se formava: conferir à doença mental um corpo não encontrado em lesões físicas, fundamento da medicina moderna. De acordo com o estudioso, “já que não se pode e não se sabe como encontrar no doente um substrato orgânico para sua doença, trata-se então de encontrar no nível da sua família certo número de acontecimentos patológicos que serão tais que, qualquer que seja aliás sua natureza, eles se referirão à comunicação e, por conseguinte, à existência de certo substrato material patológico” (FOUCAULT, 2006, p. 352).

⁴ Benedict-Augustin Morel (1809-1873) foi um médico conhecido por seus trabalhos sobre alienação mental. É autor do *Tratado das degenerescências na espécie humana*, publicado em 1857.

(SILVEIRA, 1878, p. 13). Assim, a mãe doente transmitiria a sua prole a “predisposição” a desenvolver a histeria. Joaquim Sena, anos antes, em 1844, explicava que

assim como herdamos a fisionomia de nossos pais, seu caráter, seus costumes e mesmo sua inteligência, também herdamos disposições para, nas mesmas circunstâncias, adquirirmos moléstias de que eles foram vítimas (SILVEIRA, 1878, p. 13).

Não causa surpresa, portanto, nos termos do Dr. Sena, que “uma mulher que tiver sido vítima de ataques histéricos repetidos e por muito tempo, vindo a ter filhos, estes podem herdar estas disposições para, nas mesmas circunstâncias, e, mais facilmente, serem atacados da mesma moléstia” (SENA, 1844, p. 16).

DA EDUCAÇÃO ENQUANTO CURA

Diante da possibilidade de a histérica transmitir uma série de doenças físicas e mentais às futuras gerações, seria mais proveitoso o tratamento profilático, uma vez que esse tipo de intervenção abrangeria “não só a vida atual do indivíduo, mas, a sua existência anterior, representada nos pais” (CORRÊA, 1878, p. 43).

O tratamento da histeria deveria, segundo a análise de Constantino Moura, “começar antes do nascimento”, objetivando acabar com a doença antes mesmo de sua manifestação e, também, preservar as próximas gerações da predisposição à histeria e a uma série de doenças físicas e mentais. E, nessa estratégia de tratamento preservativo, a higiene será fundamental. Definida pelo Dr. José Tavares de Mello como “a parte da medicina que tem por fim a conservação da saúde” (MELLO, 1841, p. 9), a higiene será o ramo da arte hipocrática que irá trabalhar para fortalecer o físico e o moral da população, além de afastar as causas de seus males. “É nos preceitos da higiene e em sua aplicação à educação física e moral que consiste a verdadeira profilaxia” capaz de evitar com eficácia o mal histérico, explica o Dr. Moura. E, anotando a importância do tratamento preventivo para as futuras gerações, o médico escreve que “se quiserdes meninos robustos, convém primeiramente tornar os pais robustos” (MOURA, 1862, p. 25).

Dentre os meios profiláticos considerados mais eficazes pelos doutores da época para fortalecer os corpos femininos, corpos esses responsáveis por gerar futuros cidadãos saudáveis e responsáveis, também, por educar os filhos e amparar o esposo, a educação ocupava lugar de destaque. Não por acaso, anota em 1875 o Dr. João da Matta Machado, a “educação da mocidade interessa igualmente ao Estado, à família e ao indivíduo” (MACHADO, 1875, p. 5). Esta, escreve o Dr. Corrêa, alguns anos mais tarde, “quando

bem dirigida, constitui o meio profilático mais eficaz para debelar a predisposição histérica”. No entanto, “se viciosamente encaminhada, prepara o organismo por tal forma que a eclosão mórbida é inevitável” (CORRÊA, 1878, p. 13).

A educação, assim, quando corretamente instituída, conduzida pelos “valiosos meios que a higiene e a medicina ministram” (CORRÊA, 1878, p. 45), poderia preparar as mulheres para não sofrerem com os nefastos efeitos da civilização e para não se tornarem histéricas. Assim, segundo o Dr. Seixas, “para prevenir e sustar a continuação dessa enfermidade é [dever] do médico velar na educação física e moral do sexo feminino”, objetivando “fortificar-lhe a constituição física, regularizar as funções da economia, afastar as causas que podem desarranjá-la”, além de se preocupar em “acalmar e moderar a sensibilidade, os sentidos e a imaginação” das histéricas (SEIXAS, 1851, p. 14-15). O Dr. Horácio Corrêa, em 1878, escreve em sua tese, de maneira semelhante ao Dr. Seixas, que, para sustar a doença, é preciso a “abstenção de atos que possam trazer emoções de qualquer espécie, como a leitura de obras próprias para exaltar a imaginação e as paixões, a frequentação dos teatros, dos bailes, dos concertos”, entre outros (CORRÊA, 1878, p. 55).

Deve-se, também, sugere, em 1848, o Dr. João de Oliveira Fausto, “acabar com o costume de aplicar as moças muito cedo ao estudo das artes de recreação”, uma vez que, “a dança e a pintura se juntam à música e o sistema nervoso, tão irritado, torna-se ainda mais com tais estímulos” (FAUSTO, 1848, p. 18). Já o Dr. Attaíde Moncorvo prescreve detalhadamente aos pais e educadores como deveria ser ministrada a educação das garotas:

Em lugar das leituras licenciosas dos romances da escola moderna, em que as paixões são representadas no seu mais alto grau de exageração, da frequência dos bailes e teatros que estragam a sua sensibilidade, suscitando desejos incompatíveis com sua idade, e exaltando sua fraca imaginação; e da música e da pintura que tão somente devem ser por elas estudadas como meio de desenfado e como diversão dos trabalhos domésticos, devem-se-lhes procurar distrações fortes, sociedades agradáveis, afastando-as da solidão como meios capazes de enfraquecer o agulhão da voluptuosidade (MONCORVO, 1848, p. 6).

Convém, também, explica o Dr. José Tavares de Mello, afastar as mulheres, em especial as púberes, dos trabalhos intelectuais e científicos. “Tristes exemplos atestam todos os dias a inutilidade, e até o perigo, de obrigas as meninas à cultura das ciências”, explica o médico. (MELLO, 1841, p. 15). Ainda que, segundo o doutor, era exigido pela sociedade da época que as mulheres não fossem ignorantes, não lhes deveria ser imposto “o mesmo grau de instrução dos homens, cujos destinos partilham e embelezam,” pois, de acordo com as teorias médicas do período, “a excitação prolongada do cérebro [...] ocasiona

cefalgias, doenças nervosas e outras muitas afecções que envenenam os mais belos dias da existência das mulheres” (MELLO, 1841, p. 15).

Em suma, a educação física e moral das jovens, norteadas pelos princípios médicos, em especial os ensinamentos da higiene, deveria “dirigir toda a atividade moral e intelectual das jovens para ocupações que [afastassem] delas a ociosidade, o tédio, a melancolia, as ilusões e todas as emoções factícias” (MOURA, 1862, p. 27) – ou seja, toda a sorte de emoções “criadas por necessidades que não estão ligadas à conservação e reprodução da vida” (MACHADO et al., 1878, p. 413).

No entanto, ainda que fosse consenso entre os médicos do período o papel fundamental da educação para a prevenção da histeria, os apelos dos doutores pareciam, na época, não ser atendidos pelo Estado e pelos pais. De acordo com o Dr Abreu, “o assunto de educação só nestes últimos tempos tem começado a preocupar o espírito nacional” (ABREU, M. T, 1890, p. 13). Tal omissão, além de não assegurar a saúde das jovens, poderia, ao contrário, possibilitar o aparecimento da histeria. “A influência que a educação tem na produção da histeria é de suma importância. Ela, por si só, constitui uma de suas causas mais importantes”, assevera o médico. (ABREU, M. T, 1890, p. 13). Caso fosse conduzida de maneira competente pelo Estado e pela família, a educação poderia fortalecer o sistema nervoso das meninas e afastar delas os estímulos da civilização capazes de abalar sua economia. Mas, caso fosse implementada com pouco apreço e desinteresse por parte do Estado ou ainda por parte dos pais, a educação poderia tornar “o sistema nervoso muitíssimo impressionável e predisposto à manifestação da nevrose histérica” (ABREU, M. T, 1890, p. 13).

Em sua tese de doutoramento, defendida em 1844, o Dr. Sena exemplifica como seria a educação de uma jovem malconduzida por sua mãe. Segundo o médico, “apesar de ter a civilização atual tocado seu Zenith de perfeição, a vida que se leva nas grandes cidades e cortes e a educação, máxime do belo sexo, não deixam de ser assaz repreensíveis” (SENA, 1844, p. 3). Não causa surpresa, assim, que, uma mãe criada em um grande centro e, conseqüentemente, educada de maneira desleixada, sem os preciosos valores médicos, “experimenta grande desgosto vendo sua filha, ainda em tenra idade, não manifestar já grande vivacidade” e o apreço pelos prazeres da sociabilidade do “grande mundo” (SENA, 1844, p. 3). Desse modo,

em vez de acostumá-la aos trabalhos da agulha, [...] o mais forte de todos os poderes reunidos na terra para sopear as paixões, ao contrário, lhe facilita o estudo da música e pintura e a leitura de livros os mais próprios

a excitar sua sensibilidade, nutrindo, assim, o espírito de sua filha com ilusões e ideias contrárias ao estado real da sociedade (SENA, 1844, p. 3).

A tudo isso, acrescenta-se,

as modas que o luxo acarreta, a frequência de sociedades numerosas, bailes, teatros, etc. e nisto cifra-se toda a educação e ocupam a pobre menina que, no meio destas circunstâncias, perde a tranquilidade e a paz de seu coração, sua sensibilidade exalta-se e, tornando-se ardente sua imaginação, as vistas da natureza são iludidas e ela é acometida de convulsões (SENA, 1844, p. 3).

Os médicos da época, arautos da conservação da saúde da população brasileira, primavam por uma educação física e moral baseada nos preceitos médicos, sobretudo os fornecidos pela higiene, e amparada nas “verdades fundamentais da doutrina cristã” e nas “boas obras moralistas” (SILVEIRA, 1878, p. 70) visando a fortalecer o corpo e o moral das frágeis jovens. Robustecido com os ensinamentos dos doutores, o suscetível sexo feminino poderia enfrentar os inúmeros estímulos produzidos pela civilização sem padecerem do histerismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise das teses médicas produzidas no período sugere que o sexo feminino possuiria constituição física e moral mais frágil que o sexo masculino e seria, por isso, afetado com maior intensidade pelos estímulos do ambiente urbano e social. Não por acaso, segundo os doutores do período, as mulheres poderiam, afetadas pelos bailes, espetáculos musicais, peças de teatro, música e leitura de romances, se tornarem histéricas.

Além dos incômodos e dores infligidos às doentes e seus familiares, a histeria poderia ser prejudicial também ao Estado e à sociedade, uma vez que, mulheres afetadas pelo histerismo poderiam transmitir a seus descendentes a predisposição a uma série de males físicos e morais.

A solução dos doutores do período para o problema da hereditariedade das doenças era prevenir o aparecimento da histeria por meio de um regime de vida higiênico e uma educação física e moral baseada nos rígidos e científicos princípios da medicina higienista. Tal educação, conforme visto ao longo das páginas deste trabalho, visava a fortalecer o corpo feminino e também a afastar das mulheres os estímulos externos responsáveis por abalar seu frágil sistema nervoso.

É importante frisar que, ao tomarem a educação física e moral da população como objeto de estudo e de intervenção da medicina, os doutores do período fortaleciam

sua posição enquanto guardiães da saúde coletiva e aumentavam seu domínio sobre a população das cidades e sobre o ambiente urbano.

REFERÊNCIAS

FONTES

ABREU, Maurillo Tito Nabuco de. **Da histeria no homem**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1890.

BARROS, José Joaquim Ferreira Monteiro. **Considerações Gerais sobre a Mulher, e sua Diferença do Homem e sobre o Regime que deve seguir no Estado de Prenhes**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1845.

CARDOZO, Cid Emiliano de Olinda. **Influência da civilização sobre o desenvolvimento das afecções nervosas**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, 1857.

CORRÊA, Horácio. **Histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1878.

COSTA, José Luiz da. **Considerações sobre o amor**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1848.

FAUSTO, João de Oliveira. **Dissertação acerca da menstruação seguida de regras higiênicas relativas às mulheres menstruadas**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1846.

GONSALVES, Rodrigo José. **Dissertação sobre a Histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1846.

MACHADO, João da Matta. **Dissertação física, moral e intelectual da mocidade no Rio de Janeiro e de sua influência sobre a saúde**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1875.

MELLO, José Tavares de. **Considerações sobre a higiene da mulher durante a puberdade e o aparecimento do fluxo catamenial**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1841.

MOURA, Constantino L. da Silva. **Histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, 1862.

OLIVEIRA, Manoel Francisco de. **Histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1878.

SANTOS JUNIOR, Miguel Couto dos. **Histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1878.

SEIXAS, Antonio Luiz de Sousa. **Dissertação sobre a histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, 1851.

SENA, Joaquim Antão de. **Dissertação sobre a histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1844.

SILVEIRA, Tristão Eugenio da. **Histeria**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1878.

TORRES, Antônio Gonçalves de Lima. **Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases da sua vida**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1848.

VALLE Luiz Vianna D'Almeida. **Mulher e matrimônio medicamente considerados**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1847.

BIBLIOGRAFIA

CAPONI, Sandra. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso – Estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Escuta, 1995.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. **Uma Paris dos trópicos?: Perspectivas da europeização do Rio de Janeiro oitocentista**. São Paulo: Alameda, 2014.

MACHADO, Roberto (et. al.). **Danação da Norma: Medicina Social e Construção da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MAINENTE, Renato Aurélio. **Reformar os Costumes ou Servir o Público: visões sobre o teatro no Rio de Janeiro oitocentista**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas de Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras, Santa Maria (RS)**, Universidade Federal de Santa Maria, v. 19, n. 2, jul.-dez. 2009, p. 119-138.

NUNES, Sílvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RECEBIDO EM: 30/08/2021 PARECER DADO EM: 03/11/2021